

O Iraque nas televisões europeias: representações da segunda guerra do Golfo

Anabela Carvalho¹

1. Introdução

A intenção de intervir militarmente no Iraque, promovida durante largos meses pelos EUA, conduziu a um longo confronto diplomático e a uma profunda divisão política internacional em 2002 e 2003. As posições oficiais de cada país não tiveram, em muitos casos, correspondência na forma como os seus cidadãos perceberam o problema. Na Europa ocidental, mesmo nos países cujos governos se colocaram ao lado dos EUA, ocorreram algumas das maiores manifestações populares de sempre, como protesto face aos planos de guerra, e as sondagens apontaram para elevados índices de oposição aos mesmos. Apesar de tudo, venceu a vontade de alguns políticos de fazer a guerra.

Nas suas primeiras semanas, o confronto militar no Iraque foi uma experiência televisiva intensa. Um exército de jornalistas, com um enorme arsenal de meios técnicos, trouxe até aos espectadores de (quase) todo o mundo um constante fluxo de imagens. No entanto, apesar das aparentes semelhanças, tratou-se não de um único, mas de vários retratos da guerra que foram veiculados pelos media (e.g. Lamloum, 2003).

Neste texto, pretende-se fazer uma comparação crítica da representação da guerra no Iraque em três cadeias de televisão: BBC World, TV5 e RTPi. Estas escolhas relevam da variedade de posições e graus de envolvimento na guerra dos três países a que estão ligadas. Começa-se por rever algumas das questões centrais na investigação sobre os media nas situações de guerra e procede-se depois à análise da imagem do conflito que foi veiculada por cada um dos canais.

2. Os media e a guerra

A reflexão sobre a re-construção televisiva do conflito no Iraque – como de qualquer guerra – tem que ser enquadrada pela inves-

tigação sobre a relação entre o sistema político e o sistema mediático. Tal relação tem sido frequentemente descrita como de dependência mútua e de influência recíproca. Porém, o exaltado “poder” dos media, enquanto árbitros e juizes da vida pública, parece cada vez mais diminuído, pelo que alguns analistas apontam para uma relação de subjugação estrutural dos mesmos relativamente aos poderes políticos. Tal estaria relacionado com questões como a propriedade dos meios de comunicação e o poder económico, a dependência das fontes oficiais e a influência ideológica sobre as organizações mediáticas (Bennett, 1988; Herman e Chomsky, 1988). Na expressão de Chomsky (1989), o complexo militar-industrial-mediático estaria cada vez mais refinado, com os media a desempenhar uma função essencial na “engenharia do consentimento”. A produção de concordância ou, pelo menos, de anuência tácita dos cidadãos relativamente às políticas projectadas, seria um serviço essencial que os media prestariam aos governos (Lippman, 1960).

Associadas à expansão globalizante das tecnologias da comunicação, as relações internacionais constroem-se hoje, e crescentemente, com o “soft power” – o poder associado à imagética, à comunicação e à informação, por contraste com o poder militar e económico. A “diplomacia electrónica” vai tomando o lugar da diplomacia tradicional. As implicações políticas da mediatização, bem como o modo como os actores políticos procuram utilizar os media para angariar o apoio da opinião pública nacional e internacional para determinadas medidas de política externa, têm vindo a ser objecto de vários estudos (e.g. O’Heffernan, 1991). Gilboa (2002) atribui aos media “globais” tais como a CNN, a BBC World e a Sky quatro tipos de papeis na formulação e implementação de políticas externas: papel de *controlo* do processo de decisão política (por exemplo,

exercendo pressão no sentido de intervenções humanitárias); papel de *limitação* das opções de política externa; papel de *mediação* (normalmente desempenhado por determinados jornalistas em situações de conflito); e papel *instrumental* (em que os media são utilizados pelos actores políticos para promover determinadas posições e mobilizar apoio popular).

Por boa razão, as situações de guerra têm constituído um objecto de estudo privilegiado para os investigadores em ciências da comunicação. Se bem que muitos dos traços da relação entre os media e a política se mantêm, a prestação dos media nos períodos de guerra (incluindo a “preparação” para a mesma) é, em muitos aspectos, “excepcional”. Veremos como nos próximos parágrafos.

A guerra do Vietname é um marco importante na história da mediatização de conflitos internacionais. Na primeira guerra intensivamente televisada, com uma ampla e realista cobertura dos acontecimentos, a informação alimentou o mal-estar da população norte-americana relativamente à actuação militar externa do seu país e fomentou intensos protestos. Este impacto social da televisão foi designado como “síndrome do Vietname”, tão grave foi considerado o papel dos media pela máquina político-militar norte-americana. No sentido de evitar a repetição do síndrome, o Pentágono e outras instâncias de poder definiram uma política de controlo restritivo sobre os media nos palcos de guerra. O sistema de “pooling” implementado na guerra do Golfo de 1991 traduziu essa preocupação. Nessa guerra, os media contribuíram para mobilizar apoio popular e para aumentar a popularidade de George Bush, tendo as organizações “mainstream” aderido quase totalmente à “propaganda oficial” (Taylor, 1992).

Em democracia, a decisão de envolver um Estado numa guerra tem que ser acompanhada por um plano de legitimação pública da mesma. Os governantes tendem a preparar meticulosamente os argumentos que sustentam a sua posição e a oferecer uma análise da situação congruente com os seus planos de acção. Tipicamente, o “inimigo” é construído socialmente como uma “ameaça” para a nação. Seja pelo apelo ideológico do

patriotismo, seja pelos factores já enunciados atrás, os media dominantes têm vindo a “colaborar” com os governos dos seus países. Assim, nos períodos que precedem as guerras, os media tendem a não oferecer alternativas ao discurso das instâncias governativas (Lewis & Rose, 2002) e, em muitos casos, a embarcar activamente no processo de demonização do inimigo (Vincent, 2000). Depois de iniciados os confrontos militares, o pouco debate em torno das grandes questões político-ideológicas que possa ter existido – É a guerra justificada? É a guerra justa? – deixa completamente de ter lugar. Os jornalistas centram-se em questões processuais – Como correu uma determinada acção militar? O que se vai fazer a seguir? A guerra é naturalizada.

Comparando com o discurso mediático em guerras anteriores, que constantes e transformações é possível identificar na guerra no Iraque? Internacionalmente, o panorama mediático era substancialmente mais complexo em 2003 do que noutros períodos. A anterior supremacia dos EUA em termos de meios técnicos e humanos para a recolha e difusão de informação sobre o palco de guerra esbaterá-se. Jornalistas de um variadíssimo conjunto de países deslocaram-se para o Iraque, armados com recursos tecnológicos mais ou menos sofisticados mas capazes, em qualquer caso, de assegurar a transmissão imediata de imagens a partir do terreno (como o videofone). Os exclusivos da CNN na primeira guerra do Golfo deram lugar à cobertura pelas mais variadas estações americanas, europeias e – sublinhe-se – do Médio Oriente. A Al-Jazira foi uma alternativa às visões mais próximas do sistema anglo-americano de poder, muito procurada no mundo árabe e no mundo ocidental. A internet, agora com uma implantação mundial bastante significativa, ofereceu também múltiplos contrapontos aos media convencionais.

Os jornalistas “embedded” foram uma importante componente da cobertura mediática desta guerra. Estes profissionais acompanharam as colunas militares anglo-americanas, aceitando um conjunto de regras de censura militar prévia em troca de acesso “directo” ao campo de batalha. As imagens que constantemente nos fizeram chegar terão marcado fortemente a percepção do conflito.

Outro traço importante desta guerra é que ambas as facções accionaram fortemente as suas máquinas de propaganda. Do lado norte-americano, essa máquina era, naturalmente, mais sofisticada, envolvendo mais meios (como o “media center” de Doha, Qatar) e mais “expertise” em termos de “news management”. Do lado iraquiano, houve também uma notável pro-actividade na relação com os media, com constantes conferências de imprensas, disponibilização de gravações e oferta de visitas guiadas aos jornalistas.

Para as cadeias televisivas, tal como outras guerras, o conflito no Iraque foi, em grande medida, um produto comercial. Houve grandes investimentos no envio de meios humanos e técnicos para o Iraque e países vizinhos e a expectativa era de recompensa em termos das dimensões das audiências conquistadas.

“The networks and cable are massing their own forces at home and overseas for this potential war, “an extraordinary story.” If there’s no war in Iraq, a lot of money will have gone to waste.” (S/A, 2003)

Os estudos já produzidos sobre a mediatização da guerra do Iraque sugerem que foram mostradas versões muito diferentes do conflito em diferentes media. Com base numa comparação internacional, Lamoum (2003: 15) fala-nos de “six guerres différentes vues de six postes d’observation distincts” (os media de cinco países e a cadeia de televisão Al-Jazira). Uma análise produzida para o jornal alemão Frankfurter Allgemeine Zeitung por Media Tenor (2003) aponta para um forte contraste entre a avaliação da actuação político-militar dos EUA pelas televisões alemãs – sobretudo as privadas – e pelas televisões norte-americanas: predominantemente negativa no caso das primeiras e positiva no caso das segundas. Nos EUA, terá havido uma colagem da maior parte dos media “mainstream” e, em particular, das televisões à posição oficial americana relativamente à intervenção no Iraque. Mecanismos de auto-controlo dos media, como o sistema de pré-aprovação do guião das estórias adoptado pela CNN², garantiram

uma representação da situação conforme aos interesses oficiais. A cadeia Fox foi a expressão mais alta do serviço prestado pelos media à máquina ideológica da direita americana, com os seus aliados no mundo dos negócios, os seus “think tanks” e outros mecanismos de influência. Houve, porém, notáveis excepções a esta linha de análise, como o “New York Times” que disse claramente “não à guerra”³.

Os casos estudados aqui são as estações públicas de televisão, com emissão “global” por satélite, de três países europeus com uma relação muito diversa com a guerra no Iraque: BBC, TV5 e RTP (cujos telejornais foram difundidos na RTP Internacional). O Reino Unido, através do governo liderado por Tony Blair, constituiu-se aliado dos EUA relativamente ao plano de intervenção militar no Iraque desde a primeira hora, vindo a enviar o único outro contingente de tropas numericamente significativo. A população britânica demonstrou, no entanto, uma larga oposição à guerra. Neste quadro, será relevante analisar a forma como a BBC re-construiu o conflito.

A TV5 é um canal multilateral. As suas emissões de informação são, sobretudo, de canais franceses como France 2 e France 3, embora associe várias estações públicas do mundo francófono (Suiça, Bélgica e Québec). A França é um dos Estados que, oficialmente, mais contestou a guerra. O presidente e o governo franceses opuseram-se frontalmente ao plano americano e procuraram por vários meios político-diplomáticos impedir a concretização da guerra. A população francesa manifestou-se, também, contra a guerra.

O governo português teve uma posição de apoio à administração norte-americana, embora de modo mais passivo que o Reino Unido. O patrocínio do primeiro ministro José Manuel Durão Barroso e da coligação PSD/CDS no poder a George W. Bush teve, porventura, a maior expressão na cimeira entre Bush, Blair e Aznar que ocorreu nos Açores nas vésperas da guerra. Embora sem tropas no terreno no período inicial da guerra, Portugal enviou para o Iraque alguns contingentes de forças de segurança após o derrube do regime de Saddam Hussein.

Este texto procurará identificar as posições políticas das televisões referidas acima

relativamente à guerra e responder, entre outras, às seguintes questões: Até que ponto é que houve “alinhamento” para com a posição do governo do país em que cada televisão está sediada? Terão as televisões funcionado como peças na “engenharia do consentimento” controlada pelos governos ou, pelo contrário, promoveram a crítica e dissidência?

A análise terá em conta vários indicadores tais como o grau de destaque dado a diferentes dimensões da guerra (o que é enfatizado e o que é secundarizado?); os actores cuja perspectiva é predominante na cobertura televisiva da guerra (ex. militares, civis, políticos); os jornalistas de cada estação envolvidos na cobertura da guerra (ex. jornalistas “embedded” e outros); os comentadores seleccionados; e a iconografia (escolha de imagens, símbolos, gráficos). Serão ainda consideradas as opções linguísticas de cada televisão para falar da guerra. Tentar-se-á compreender como é que as palavras utilizadas para designar ou avaliar a guerra e os seus agentes simultaneamente reflectem e produzem formas particulares de pensar tal realidade.

Procede-se a uma análise dos noticiários televisivos entre os dias 20 de Março e 16 de Abril de 2003, procurando, também, avaliar se há alterações ao longo do período analisado no discurso jornalístico e na postura destes media sobre a guerra no Iraque.

2. BBC: Baghdad Broadcasting Corporation ou aliado do governo britânico?

A BBC foi objecto de críticas por várias partes pela sua cobertura do conflito. Os militares britânicos e alguns membros do governo acusaram a BBC de se colocar demasiado ao lado dos iraquianos⁴. Alguns comentadores e críticos consideraram que a BBC prestou um serviço de propaganda ao governo britânico. Investigadores e outros analistas apreciaram também de modo variado o desempenho da estação.

Na análise de Media Tenor (2003), a BBC aparece como relativamente equilibrada na avaliação da actuação política e militar norte-americana no Iraque e na quantidade de tempo dedicada às baixas nas forças da coligação liderada pelos EUA e no lado iraquiano.

Numa análise textual e de discurso da cobertura das primeiras semanas do conflito na BBC, Clark (2004) e Haarman (2004) não identificaram um posicionamento ideológico claro da estação. Em contraste, um estudo da Cardiff University (2004) revelou uma orientação da BBC favorável à intervenção militar no Iraque e portanto próxima da posição oficial do Reino Unido. De um modo ainda mais assertivo, Cromwell (2003) e a organização Media Lens⁵ apontaram várias vezes a amplificação das posições governamentais nos relatos que a BBC fez da guerra.

Dentro da própria BBC, houve divergências entre os membros da direcção relativamente à qualidade da cobertura. Enquanto Richard Sambrook (2003), director de informação, defendeu a informação dada pela BBC, Mark Damazer (cit. por Wells, 2003), sub-director de informação, afirmou publicamente que a imagem da guerra veiculada pelos repórteres “embedded” foi demasiado “asséptica”, sem mortos nem feridos, e que prestou um mau serviço à democracia. Parte do interesse em analisar o caso BBC reside precisamente nesta falta de consenso sobre onde se situou politico-ideologicamente a sua representação da intervenção no Iraque. Percorramos, então, cronologicamente, a cobertura da guerra nesta estação.

A ofensiva militar liderada pelos EUA inicia-se no dia 20 de Março de 2003. Na BBC, os primeiros dias do conflito são dominados por imagens da progressão militar, do avanço da máquina de guerra anglo-americana e do poderio do armamento ocidental. A abertura dos blocos noticiosos é, pelo menos durante a primeira semana, dedicada predominantemente ao “avanço das forças da coligação” (expressão usada várias vezes pelos “pivots” da BBC). Enfatiza-se o percurso feito pelos militares anglo-americanos em cumprimento do plano de tomar Bagdade. Mostram-se tanques em andamento e as extensas colunas militares nas estradas de terra do Iraque. O “discurso da glória” militar é claramente estruturante neste período.

Há, mesmo assim, referências à resistência iraquiana, e poucos dias após o início do conflito, começa a emergir a ideia de que, porventura, se terá subestimado a dimensão dessa resistência. No dia 27 de Março, por exemplo, diz-se que os iraquianos estão a lutar

de uma forma imprevista e que o inimigo com que os militares ocidentais se confrontam não é o mesmo com que fizeram simulações antes do confronto.

Na imagem construída pela BBC, a guerra é, porém, eminentemente asséptica, depurada dos seus piores horrores. Ocasionalmente, há referências verbais a “corpos” vistos ao lado da estrada pelo repórter que penetra o país com o exército invasor. Mas não há qualquer equivalente gráfico. Os mortos – e mesmo os feridos – podem ser quantificados (provavelmente com grande imprecisão) mas não se mostram. Como se refere no relatório do estudo feito por investigadores da Cardiff University (2004: 6), “[t]he coverage seems to take us closer to the reality of war, and yet (...) [exclude] the ugly side of that reality”.

É sobretudo pelos olhos desses jornalistas “embedded” que vemos a guerra. Eles colocam as forças britânicas em evidência contra “fanatical zealots” (expressão utilizada por militares no dia 24 de Março). Há uma aparência de proximidade e de transparência no retrato que nos chega dessas tropas.

“The television event that was the 2003 Iraq War collapsed the “news” into a real-time vacuum where instantaneity conquered content. The mass of correspondents embedded with the military produced a scattered and mobile simultaneity of coverage. In these circumstances, the distinction between witness to and subject of the media event was collapsed. More, faster and closer coverage simply produced more “fog”, to use the metaphor of war.” (Hoskins, 2004: 109)

Com a mediação dos “embedded” vai-se estabelecendo uma relação de empatia entre o público e os militares britânicos. O espectador é convidado a participar no combate, a associar-se à “missão” de derrotar o “inimigo”, a identificar-se com aquela guerra. Em jogo, está a sorte de jovens soldados britânicos que, naturalmente, a população britânica não quererá ver morrer, mesmo que (sobretudo?) ao serviço de uma guerra vista por muitos como injusta. A lógica do slogan americano “support our troops” (ver

Chomsky, 1991) sobrepõe-se às interrogações éticas e ideológicas sobre a guerra.

As possíveis repercussões socio-políticas deste modo de cobertura estão bem expressas nas palavras de Jeff Hoon, Secretário da Defesa britânica:

“I believe the public’s understanding of what our troops are achieving is increased by the access we’ve given the media. The professionalism, courage, dedication, restraint of the British and coalition forces shone through. ...The imagery [embedded journalists] broadcast is at least partially responsible for the public’s change in mood with the majority of the people now saying they back the coalition.” (cit. por Tumber & Palmer, 2004: 25).

Outra dimensão de análise importante são os actores sociais que as televisões privilegiam na sua representação do conflito. Como sugerido acima, a BBC deu frequentemente voz aos militares britânicos. Estes puseram a tónica em questões “técnicas” (e não político-ideológicas), como o tipo de arsenal utilizado, destacaram as vitórias militares e, de algum modo, legitimaram a guerra com a sua mostra de determinação e coragem. No exemplo seguinte, há uma clara tentativa de “rotulagem” moral do “inimigo” pelo jornalista “embedded” e pelo militar.

2 Abril 2003 (14º dia de guerra)

Ben Brown, o repórter “embedded” da BBC em Basra, encontra-se junto a soldados britânicos. Ouvem-se disparos e explosões. Brown diz que os combatentes iraquianos estão deliberadamente a tentar que a população iraquiana seja apanhada no meio do fogo cruzado. O repórter pergunta a um militar britânico: “What do you think about that?” “I think it’s sick”, responde ele decididamente.

Muito frequentes no ecrã desta estação foram também actores governamentais do Reino Unido e dos EUA.

Apesar disto, há alguma diversidade de opiniões na BBC, trazida sobretudo pelos

comentadores que, com frequência, são especialistas em questões do Médio Oriente ou do Iraque e mesmo originários dessas regiões.

Obviamente, as características da representação da guerra na BBC descritas até aqui tomaram forma tanto no discurso verbal como na imagética, de que a fig. 1 é um bom exemplo. Como pode ser visto abaixo, o símbolo ou “logotipo” televisivo que acompanhou toda a cobertura da guerra na BBC integra as palavras “Iraq War” e uma imagem com um ponto de luz ao centro que irradia em toda a volta. As cores dominantes são o laranja e o preto.

Para este estudo, perguntou-se a cerca de 30 pessoas como interpretavam aquela simbologia⁶. A maior parte dos inquiridos viu na imagem um nascer ou pôr do sol e vários associaram-na à ideia de um novo começo ou um “renascer”. Nesta leitura, a guerra estaria relacionada com libertação e emancipação. Um número significativo de pessoas aludiu também à imagem de uma explosão. A polissemia da imagem poderá ter sido deliberada.

Figura 1:
Imagem da BBC, 2 de Abril de 2003



À medida que a guerra se vai prolongando, há uma transformação nos significados construídos pela BBC. Após cerca de duas semanas de combates, a estação mostra cada vez mais o impacto dessa guerra na população. A destruição e o sofrimento, o modo de sentir das populações árabes e o que dizem os jornais da região, entre outras questões, estão cada vez mais presentes na cobertura da BBC.

Há também uma mudança ao nível dos jornalistas que relatam a actualidade do Iraque. Os “embedded” passam a ocupar menos espaço, dando lugar a jornalistas não “enquadrados”. A partir de Bagdade, Rageeh Omar, especialmente, passa a ter uma presença muito significativa nos ecrãs da BBC. Muito mais próxima dos iraquianos e das suas experiências da guerra, a imagem que ele constrói dos acontecimentos suscita, potencialmente, bastante mais crítica relativamente às consequências daquele conflito.

Após 9 de Abril e a “tomada” de Bagdade, fortemente simbolizada no muito mediatizado derrube da estátua de Saddam Hussein, a capital iraquiana assiste a uma enorme vaga de saques. As imagens de roubo e de caos generalizados, afectando locais como o Museu Nacional do Iraque e os seus tesouros culturais, criaram uma aura profundamente negativa em torno da guerra e deram mostra da incapacidade americana de controlar a situação, deixando adivinhar muitas dificuldades para o futuro. A 10 de Abril, a “pivot” da BBC refere-se a um “disturbing report” sobre um hospital a ser saqueado. A situação é descrita como “a very worrying and very dangerous turn of events” por Rageeh Omar.

Os parâmetros da análise realizada estão sintetizados na tabela 1. A meta-narrativa é um indicador composto: resulta duma apreciação das muitas estórias construídas pelos media a propósito da guerra; da análise da selecção dos aspectos do acontecimento feita pelos media; da hierarquização desses elementos; dos actores sociais que intervêm na informação; da iconografia, etc. Através das setas presentes na segunda coluna, a tabela dá, também, conta das mudanças que se verificaram na imagem construída pela BBC em torno da guerra. Naturalmente, estas mudanças são progressivas e relativas. Não se trata, portanto, de características exclusivas mas de traços dominantes em diferentes momentos. É destacado na tabela o “lado da equação” que terá sido mais marcante (devido, por exemplo, à sua extensão no tempo) no quadro global da imagem da guerra veiculada pela estação.

Tabela 1: Traços dominantes da representação da guerra no Iraque na BBC

Meta-narrativa	Implacável progressão militar anglo-americana => Impacto negativo da guerra
Actores	Militares britânicos, militares americanos => População iraquiana
Jornalistas	Repórteres “embedded” => Repórteres no terreno
Comentadores	Especialistas em questões militares e políticas, especialistas em assuntos do Médio Oriente
Iconografia	Imagens da máquina militar ocidental sugerem avanço imparável; símbolo sugere “renascer” => Imagens de saques e destruição sugerem descontrolo e anarquia

3. TV5: O efeito da oposição sistemática?

Dada a posição do governo e da população franceses relativamente à guerra, poder-se-ia esperar que os media franceses fizessem, entre si, uma abordagem muito semelhante da guerra alimentando(-se d-) a oposição à intervenção anglo-americana e fomentando a solidariedade para com o povo iraquiano.

A comunicação social francesa foi, no entanto, alvo de recriminações bastante diversas. A crítica mais feroz é, porventura, a de Alain Hertoghe (2003) que argumenta que os preconceitos dos media franceses embotaram a análise e levaram a graves exageros e omissões. Na sequência de uma análise de cinco jornais diários, Hertoghe considera que nas redacções francesas imperavam três objectivos: diabolizar a administração Bush pela caricatura sistemática; aderir à linha de Chirac e Villepin num fervor nacionalista e comungar com as opiniões públicas anti-guerra com um populismo compulsivo.

Esta conclusão contrasta com as observações de Thorens (2003) relativamente à estação de televisão francesa privada TF1. Este analista sugere que terá havido uma colagem à visão americana da guerra, com a “heroicização” de Tommy Franks, alto dirigente militar norte-americano, e a “neutralização” do sentido das manifestações contra a guerra. Referindo-se sobretudo à TF1, Maler (2003) fala, na mesma linha, de três traços dominantes: “la légitimation de la guerre par son récit (...), la fascination pour la puissance militaire (...), la fascination de la télévision pour sa propre puissance.” Este tipo de enviesamento ter-se-ia, segundo

alguns analistas, estendido ao serviço público de televisão em França: canais como France-Info e France 2 teriam feito uma cobertura excessiva do início dos bombardeamentos no Iraque de forma a captar audiências (ACRIMED, 2003). De notar, porém, que todas estas apreciações têm a mesma fonte, já que foram publicadas no site da ACRIMED, uma associação francesa de crítica dos media. Os resultados da análise comparativa realizada no âmbito deste estudo e descritos abaixo permitir-nos-ão reavaliar estes comentários.

Nos primeiros dias de guerra, há uma espécie de recusa da TV5 em “embarcar no comboio” da mediatização da guerra. Discutem-se ainda questões de geopolítica e geoestratégia, apresentam-se ainda argumentos contra a guerra. Há longas reportagens sobre as questões de fundo que poderão ter determinado a guerra e sobre as suas possíveis implicações. A 25 de Março, por exemplo, a TV5 passa um documentário sobre a primeira guerra do Golfo, as trágicas consequências do regime de sanções adoptado pelas Nações Unidas e as mortes de soldados americanos relacionadas com o “síndrome do Golfo”. Nesse dia, a TV5 é o único dos três canais em consideração”a referir a que se destinam os 75 mil milhões de dólares adicionais pedidos ao Congresso americano por George W. Bush – 63 para financiar as operações militares, 4 para reforçar a segurança interna e 8 para reconstruir o Iraque. A este propósito, a TV5 fala também do envolvimento de uma empresa de Dick Cheney no processo de reconstrução do país.

Rapidamente, passa-se, na TV5, para uma imagem da guerra dominada pelo trágico. A

destruição e a dor causadas pela guerra ocupam uma grande parte do retrato da situação. A TV5 perspectiva a guerra essencialmente pelos seus impactos junto da população, fazendo um convite à empatia para com este povo que é atacado por um exército invasor. A hierarquização da informação e outros aspectos relativos à selecção e construção da informação colocam o espectador mais próximo do olhar dos iraquianos do que em qualquer uma das outras três estações. O alinhamento abaixo, do bloco noticioso das 21:00 horas do dia 27.03.03 da TV5 (a emitir o canal France 3), dá conta disso mesmo.

27 Março 2003 (8º dia de guerra)

- Iraquianos no norte do Iraque: beijam o Corão; “estão prontos a morrer na batalha pelo país”
- Mostra da destruição causada pelos americanos: criança magoada em bombardeamento; homem queimado para o qual não há medicamentos
- Combates à volta de Basra; possibilidade de catástrofe humanitária
- Imagens da Al-Jazira de um helicóptero americano alegadamente abatido pelos iraquianos
- Najaf: ênfase nos soldados iraquianos mortos (imagem dos corpos ao longo da estrada)
- 37 marines feridos em “friendly fire”
- Americanos anunciam 24 mortos desde o início da guerra
- Paraquedistas americanos no norte do Iraque (assunto que teve um destaque muito maior noutras estações de televisão)
- Referência a mais mortos (segundo a Al-Jazira)
- Análise detalhada da importância da frente norte na batalha iraquiana e de toda a estratégia de guerra

No dia 2 de Abril, enquanto a BBC inicia os seus blocos informativos com notícias de avanços militares e fomenta cumplicidades para com os militares, na TV5 a primeira notícia é a de uma maternidade bombardeada pelos americanos. Os atrozes efeitos da guerra mostram-se na expressão de sofrimento das

pessoas, nas suas palavras, nas imagens de casas e ruas destruídas.

A morte e o luto são evocadas pelo sombrio símbolo utilizado pela TV5. Como é visível na fig. 2, esse “logotipo” consiste num quadrado em que as palavras “Guerre en Irak” aparecem a branco sobre um fundo negro. Na parte de baixo, há uma barra vermelha cujo limite superior é irregular. Os sujeitos inquiridos neste estudo fizeram associações desta imagem com os temas referidos acima (morte e luto; muitas pessoas consideraram o vermelho da imagem como sugestão de sangue).

Figura 2:
Imagem da TV5, 2 de Abril de 2003



Na TV5, a população iraquiana é humanizada: muitos nacionais do Iraque são entrevistados (na maior parte dos casos no papel de vítimas da guerra) e os seus nomes aparecem no ecrã. Ao contrário, na BBC, os iraquianos são normalmente apenas mostrados de longe e mesmo quando entrevistados não têm nome (alude-se a “este homem”, por exemplo). As reportagens da TV5 têm lugar em diferentes regiões do Iraque e dão conta da diversidade étnica e cultural do país. Em vez de um conjunto indiferenciado de pessoas, os cidadãos iraquianos são assim representados quase ideossincriticamente. As perspectivas, preocupações e interesses destes diferentes grupos são discutidos pelos comentadores que, frequentemente, são especialistas em questões culturais, tais como historiadores e outros investigadores.

Tabela 2: Traços dominantes da representação da guerra no Iraque na TV5

Meta-narrativa	Impacto trágico de uma guerra injusta na população iraquiana
Actores	População iraquiana – vários sectores e grupos étnicos
Jornalistas	Repórteres no terreno
Comentadores	Especialistas em questões culturais
Iconografia	Imagens do terreno sugerem devastação; símbolo sugere luto

Note-se que na TV5 não há mudanças significativas na perspetivação e narrativização da guerra no Iraque ao longo das semanas analisadas.

4. RTP: Profissionalismo ou “comercialismo”?

Durante a transmissão contínua inicial sobre a guerra, a RTP é a mais sensacionalista das três cadeias. Há uma quase-obsessão pelos directos e uma repetição constante de imagens e comentários sobre os acontecimentos.

Os primeiros dias são dominados por uma visão “militarista” da guerra que se relaciona com vários aspectos da cobertura: a escolha de imagens da guerra a partir de cadeias de televisão e agências de informação estrangeiras; a localização de alguns jornalistas da RTP, como o enviado especial Armando Seixas Ferreira, no porta-aviões USS Theodore Roosevelt; e os comentadores no estúdio que são, quase exclusivamente, militares.

A RTP reproduz frequentemente as emissões da CNN sobre o avanço militar no terreno. Na estação americana há uma clara tentativa de veicular uma imagem favorável dos soldados dos EUA: estes são mostrados a tratar bem os iraquianos capturados e é dado um grande ênfase à recepção positiva dos americanos pelos iraquianos. No entanto, a RTP emite, também, excertos da Al-Jazira como, por exemplo, as imagens de “77 mortos civis” iraquianos, potencialmente chocantes, no dia 20 de Março. No mesmo dia, mostra-se, prolongadamente, a tentativa de captura de um piloto americano em Bagdade por iraquianos. É dado muito mais destaque aos tiros, à agitação da polícia e à acção em geral do que nos outros canais.

Os actores sociais dominantes no retrato que a RTP oferece da guerra nos primeiros

dias são os militares americanos, embora em quase equilíbrio com a população iraquiana. A nível de comentadores, o “General Loureiro dos Santos e outros militares de alta patente são presenças regulares. Suellentrop (2003, s/p) argumenta que “the TV generals (...) are hired by the networks to lend an air of authority to the broadcasts”.

A iconografia da guerra reforça a ideia do avanço militar. Imagens de tanques, de navios de guerra e de outro aparato técnico mostra o poderio das forças anglo-americanas. O “logotipo” da cobertura (ver fig. 3) contém uma bandeira iraquiana sobre a qual se vê uma circunferência que distorce a imagem. Os sujeitos inquiridos sobre a simbologia televisiva referiram-se à semelhança com uma lupa ou com uma mira e à possível alusão ao trabalho jornalístico de busca e análise e ao avanço militar.

Até à chegada das tropas americanas a Bagdade, o “logotipo” da RTP apresentava também, sobre uma barra laranja, as palavras “Objectivo Bagdade”, que parecem aludir ao plano militar. O espectador é, assim, colocado ao lado do exército invasor, partilhando com ele o propósito de atingir a capital do Iraque. Tais palavras, aparentemente neutras, em articulação com o “foco” sobre a bandeira iraquiana, envolvem também os jornalistas na “missão” de alcançar Bagdade. Posteriormente, o texto muda para “Em Bagdade” e para “Após Saddam”, relevando a ideia de transição.

Passados alguns dias sobre o início da guerra, o centro nevrálgico da cobertura da RTP passa para Bagdade. Os directos de Carlos Fino a partir da cidade fornecem os principais enquadramentos da cobertura da guerra. O jornalista fala muitas vezes com a população local (que mostra uma posição anti-americana) e dá conta da destruição causada: “a guerra continua implicável com

o seu rosário de morte e sofrimento” (07.04.03). No dia 10 de Abril, por exemplo, algumas das questões cobertas pela RTP dão conta dos impactos devastadores da guerra: mortes de marines em Bagdade; mortes de civis e militares iraquianos (imagens de corpos); pilhagens em Bagdade; destruição em Najaf; “situação calamitosa” em Bassorá.

O trabalho de Carlos Fino, muito aclamado, marcou fortemente a cobertura da RTP. O videofone permitiu ao repórter superar a concorrência das grandes estações, transmitindo o início dos bombardeamentos americanos em Bagdade, naquilo que Santos (2004: 26) designa como a “democratização do scoop”.

A guerra foi usada como um forte instrumento promocional para a RTP. Em publicidade a si mesma, a empresa passou inúmeras vezes o anúncio abaixo.

“Spot” promocional

“A RTP foi a primeira estação do mundo a transmitir a guerra em directo... O mundo parece estar a desabar... No centro do furacão, a RTP tem uma equipa de luxo...”.

Note-se o hiperbólico aproveitamento da situação para auto-engrandecimento. Ao longo do período analisado, a informação na RTP é, em vários momentos, profundamente auto-referencial. Como se pode ver na fig. 3, no Telejornal de 7 de Abril, a notícia não é o avanço das tropas da coligação, mas o facto da RTP os ter “testemunhado”.

Figura 3:
Imagem da RTP, 7 de Abril de 2003



Outro exemplo deste discurso auto-centrado é do dia 16 de Abril: “RTP descobre militar iraquiano na clandestinidade em Bagdade”. Durante o conflito no Iraque há outros dois episódios que tornam a própria televisão o centro das atenções. Trata-se de agressões a dois jornalistas da RTP, Carlos Fino e Luís Castro, que foram largamente exploradas pela RTP para promover o sua cobertura.

A tabela 3 resume as principais características da imagem da guerra na RTP e apresenta a sua meta-narrativa.

Conclusões

O presente estudo identificou três representações da guerra no Iraque substancialmente distintas. Este tipo de comparação permite constatar a existência de alternativas a uma forma particular de re-construir a realidade e torna mais evidente a natureza não-essencial e não-necessária do discurso, quer verbal quer iconográfico.

A imagem tende a criar a aparência de uma maior veracidade e realismo do que as palavras. No entanto, a diversidade de retratos da guerra confirma as conclusões de outros investigadores de que, mais do que fornecer informação nova e independente, as imagens apoiam uma narrativa previamente construída e reforçam um quadro interpretativo pré-existente (Griffin, 2004).

É frequente considerar-se que há dois factores que têm uma influência significativa na imagem mediática das situações de guerra: as opções governamentais do país em que estão baseados os órgãos de comunicação social e as preferências das audiências. O primeiro factor parece ter tido mais peso na reconstrução discursiva da guerra pelas cadeias de televisão. O apelo ideológico do patriotismo, no caso britânico reforçado pela participação das suas tropas na guerra, terá impulsionado os profissionais de informação a veicularem uma imagem consonante com o posicionamento oficial do seu país.

No caso do Reino Unido, as preferências das audiências terão, realmente, sido pouco importantes, dado que, perante um público largamente contrário à guerra, a BBC am-

Tabela 3: Traços dominantes da representação da guerra no Iraque na RTP

Meta-narrativa	RTP mostra a guerra ao mundo
Actores	Militares americanos; população iraquiana => População iraquiana; militares americanos
Jornalistas	Repórteres no terreno
Comentadores	Especialistas em questões militares
Iconografia	Imagens sugerem poderio militar; símbolo sugere finalidade comum de militares e jornalistas => Imagens do terreno sugerem devastação; símbolo ('Após Saddam') sugere mudança, transição

plificou uma imagem militarista da intervenção que a neutralizou ideologicamente. No caso da TV5, a posição oficial coincidiu com a posição popular. Não terá havido, portanto, grandes dilemas ideológicos. No caso português, a audiência poderá ter tido algum peso já que, como vimos, a estação de televisão

não se comprometeu completamente com o lado ocidental do conflito, preferido pelo governo. Terá sido o único dos três canais que convidou à dissensão relativamente ao governo, se bem que a BBC também poderá ter motivado a crítica na parte final do período analisado.

Bibliografia

ACRIMED (Sem Autor) “Service public, 20 mars: informer ou tenir l’antenne?”, 21 Março 2003, disponível em <http://www.acrimed.org/article990.html>, acesso em 10.10.04.

Bennet, Lance, *News. The Politics of Illusion*, New York & London, Longman, 1988.

Cardiff University, “Too close for comfort?: The role of embedded reporting during the 2003 Iraq war: Summary report”, Cardiff, Cardiff School of Journalism, Media and Cultural Studies, 2004.

Chafetz, Josh, “The disgrace of the BBC”, *Weekly Standard*, 25 Agosto 2003, disponível em:

<http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/003/005iqpvz.asp>, acesso em 19.11.04.

Chomsky, Noam, *Media Control*, Westfield, Open Media, 1991.

Chomsky, Noam, *Necessary Illusions. Thought Control in Democratic Societies*, Boston, South End Press, 1989.

Clark, Caroline, “The ‘embedded’ voice: taking an ideological stance in war reporting”, comunicação apresentada na “I International Conference on Critical Discourse Analysis”, Valencia, 5-8 Maio 2004.

Cromwell, David, “Naked power: How ‘benign’ Western politicians and ‘objective’ media lead whole nations into war”, *ZMagazine*, 31 Janeiro 2003, disponível em <http://www.zmag.org/sustainers/content/2003-01/31cromwell.cfm>, acesso em 20.11.04.

Fisk, Robert, “How the news will be censored in this war”, *The Independent*, 25 Fevereiro 2003.

Gilboa, Eytan, “Global communication and foreign policy”, *Journal of Communication* 52 (4), 2002, pp. 731-48.

Griffin, Michael, “Picturing America’s ‘war on terrorism’ in Afghanistan and Iraq. Photographic motifs as news frames”, *Journalism* 5 (4), 2004, pp. 381-402.

Haarman, Louann, “War talk on the news: the construction of point of view in BBC and RAI television coverage of the Iraqi war”, comunicação apresentada na “I International Conference on Critical

Discourse Analysis”, Valencia, 5-8 Maio 2004.

Herman, Edward & Noam Chomsky, *Manufacturing Consent. The Political Economy of the Mass Media*, New York, Pantheon, 1988.

Hertoghe, Alain, *La guerre à outrances*, Paris, Calmann-Lévy, 2003.

Hoskins, Andrew “Television and the collapse of memory”, *Time & Society* 13 (1), 2004, pp. 109-27.

Lamloum, Oifa (org.) *Irak: Les Médias en Guerre*, Paris, Actes Sud, 2003.

Lewis, David & Roger Rose, “The president, the press, and the war-making power: an analysis of media coverage prior to the Persian gulf war”, *Presidential Studies Quarterly* 32 (3), 2002, pp. 559-71.

Lippman, Walter, *Public Opinion*, New York, MacMillan, 1960 (ed. orig. 1922).

Maler, Henri, “La télévision subjuguée par la guerre et la puissance”, 23 Março 2003, disponível em <http://www.acrimed.org/article993.html>, acesso em 20.11.04.

Media Tenor, “War coverage and cover-up”, 2003, disponível em <http://www.mediatenor.com/Iraq/sld001.htm>, acesso em 27.12.03.

O’Heffernan, Patrick, *Mass Media and American Foreign Policy*, Norwood, Ablex, 1991.

S/A., “TV’s battle plan”, *Philadelphia Inquirer*, 11 Março 2003, disponível em <http://www.philly.com/ml/inquirer/5362004.htm?1c>, acesso em 23.03.03.

Sambrook, Richard, “BBC fought a good war”, *The Guardian*, 23 Março 2003.

Santos, José Rodrigues, “Em directo da guerra: O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico”, *Media & Jornalismo* 3, 2004, pp. 23-8.

Suellentrop, Chris, “The TV generals: The military men who are embedded in the anchor’s chair”, *Slate*, 26 Março 2003, disponível em <http://slate.msn.com/id/2080744/>, acesso em 21.11.04.

Taylor, Philip, *War and the Media. Propaganda and Persuasion in the Gulf War*, Manchester & New York, Manchester University Press, 1992.

Thorens “TF1, 22 mars: fragments de propagande télévisée”, 23 Março 2003, disponível em <http://acrimed.samizdat.net/>

article.php3?id_article=994, acesso em 09.12.04.

Tumber, Howard and Jerry Palmer, *Media at War: The Iraq Crisis*, London, Sage, 2004.

Vincent, Richard, “A narrative analysis of US press coverage of Slobodan Milosevic and the Serbs in Kosovo”, *European Journal of Communication* 15 (3), 2000, pp. 321-44.

Wells, Matt, “Embedded reporters ‘sanitised’ Iraq war”, *The Guardian*, 6 Novembro 2003.

¹ Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Comunicação.

² Num documento da CNN intitulado “Reminder of Script Approval Policy” podia-se ler: “A script is not approved for air unless it is properly marked approved by an authorised manager and duped (duplicated) to burcopy (bureau copy)... When a script is updated it must be re-approved, preferably by the originating approving authority.”(cit. por Fisk, 2003)

³ Título de um editorial: “Saying no to war”, 09.03.03.

⁴ Alguns críticos chegaram a ironizar com o nome da estação chamando-lhe Baghdad Broadcasting Corporation, numa alusão ao seu alegado favoritismo pelo lado iraquiano (ver, por exemplo, Chafetz, 2003).

⁵ www.medialens.org

⁶ Os inquiridos foram essencialmente estudantes e docentes universitários, embora se tenha também questionado cinco pessoas com outras ocupações, cujas opiniões não se desviaram significativamente das das primeiras.